

Homenagem à Professora Doutora Elza Maria Miranda Afonso

À pequena Elza, atingida pela poliomelite aos 3 anos de idade, as portas da escola foram fechadas, em princípio. Como alguém que manca da perna poderia aprender a ler? Era uma época de idéias mancadas e de exclusão daqueles que fossem diferentes. Mas Elzinha já aprendera a fazer do conhecimento a sua principal companhia: aprendeu sozinha, com rótulos, bulas e o que mais lhe aparecesse. O mundo já era para ser lido.

Assim, aos 9 anos, acabou convencendo a família de que precisava ir à escola. Foi e juntou-se à turma de meninas dois anos mais novas que ela. Mas o vírus autodidata já a havia atacado, e Elzinha passou de rótulos e cartilhas a Dostoievski, Machado e outros tantos. Cuidando da irmã mais nova (minha mãe, por sinal), de 4 anos, ensinou-a a ler, já introduzindo em suas “aulinhas” toda a magia do mundo que o conhecimento desvela, através de contos, poemas e outras invenções. Era assim que ela ensinava às colegas, à família. Dando-se. Ensinando.

Já bacharela, Elzinha fez a bobagem de atender à campanha numa época em que não se deviam nem tocar campanhas, quanto menos atendê-las. Sumiu, ninguém dava notícia. As atividades na JUC, só podiam ser. Como não fosse famosa ou liderança perigosa (ela gostava de ler!), pouca gente notou o desaparecimento da militante. Na cadeia, continuou fazendo o que sabia: estudava para ingressar no quadro docente da Vetusta Casa de Afonso Pena, sem ao menos saber se sairia dali para prestar o concurso.

Pois prestou-o. Há trinta anos. Talvez tenha sido o amor pelo conhecimento que a levou à Filosofia do Direito. Ou talvez a paixão pela Filosofia do Direito lhe tenha franqueado as portas da sabedoria. A partir dali, que posso dizer? Elza ensinou. Quando nasci, ela estava na Suíça e privou-me de sua companhia por um ano, voltando a tempo de acompanhar-me os passos.

Trabalhou com o primeiro tradutor de Hans Kelsen para a língua francesa, doutorou-se seguiu lecionando. Sua história – marcada menos por fatos que por reflexões – é uma história interior, em que o simples cotidiano acrescenta densidade e significado à vida.

Ainda hoje pouca gente repara naquela figura frágil que sobe e desce rampas jurídicas com dificuldade, abraçada a livros. Só quem foi seu aluno sabe: “É a professora Elza, um amor...”. Ensina a leitura de normas. A mim, que sou suspeito, Elzinha ensinou mais. A escrever normas para mim mesmo. A enxergar a influência do grande e do pequeno. A ler pessoas e livros com disciplina. Ela sabe que viver é militar, em vários sentidos.

Essa é a mensagem que Elzinha passa aos militantes que a cada dia constroem o Centro Acadêmico Afonso Pena, na ocasião do lançamento de mais uma revista acadêmica estudantil. Parabéns ao CAAP pela raça e pela força de insistir nessa rara iniciativa de publicar o trabalho de estudantes. À professora, resta pedir – oportunamente – que continue atendendo aos toques da campanha, mas que não faça mais a bobagem de desaparecer de seus alunos.

Mateus Afonso Medeiros